



CURSO DE TEOLOGIA EAD

Introdução à Psicologia



UCLN

UNIVERSIDADE
CRISTÃ
CONHECIMENTO
e LIDERANÇA AVANÇADA

Sumário

História da Psicologia	7
A Psicologia como Ciência	9
Abordagens teóricas	11
Psicologia behaviorista	12
Psicologia cognitiva.....	14
Psicanálise.....	16
Psicologia analítica.....	19
Gestalt terapia.....	21
Psicologia humanista	23
Psicodrama.....	26
Logoterapia.....	28
Métodos de pesquisa em psicologia	30
Métodos experimentais.....	31
Métodos observacionais.....	32
Métodos correlacionais.....	33
Estudos de caso	33
Desenvolvimento humano.....	34
Teorias do Desenvolvimento em Piaget	35
Teorias do Desenvolvimento em Vygotsky	37
Conclusão.....	39

Material Complementar40

Referências41

Introdução

Através deste material busca-se apresentar um panorama geral acerca da psicologia como ciência. Não há a pretensão de discorrer exaustivamente sobre tais assuntos, e sim de forma sucinta apontar os principais momentos e nomes que contribuíram para a psicologia se tornar essa ciência tão importante que temos hoje.

Em mais de 100 anos de história como ciência, surgiram dezenas de escolas, mais conhecidas como abordagens. Algumas delas inclusive passaram por revisões ao longo das décadas. Aqui apontaremos algumas dessas abordagens, entendendo serem elas as mais importantes.

O que há de comum há toda abordagem é que todas possuem uma visão de homem e de mundo, e é aí que cada uma segue um caminho distinto. Essa visão vai permear a construção de personalidade e estrutura psíquica do indivíduo.

A psicologia como ciência não se baseia somente no campo subjetivo, mas em métodos de investigação sistemáticos. Há a realização de pesquisas e experimentos das mais diversas formas. Apontaremos também os principais métodos utilizados nos trabalhos atualmente.

Um trabalho importante que serviu de base para a psicologia foram as teorias do desenvolvimento humano. As maiores influências se concentraram nas visões de Piaget e Vygotsky as quais serão abordadas.

Objetivos

- Compreender a evolução histórica da Psicologia como ciência, desde suas origens até sua consolidação como disciplina acadêmica.
- Analisar criticamente as diferentes abordagens teóricas da Psicologia, incluindo o behaviorismo, a psicologia cognitiva, a psicanálise, a psicologia analítica, a Gestalt terapia, a psicologia humanista, o psicodrama e a logoterapia.

- Dominar os métodos de pesquisa em Psicologia, incluindo os experimentais, observacionais, correlacionais e estudos de caso.
- Explorar as teorias do desenvolvimento humano propostas por Piaget e Vygotsky, compreendendo suas concepções sobre como as crianças e os indivíduos se desenvolvem cognitivamente, social e emocionalmente ao longo da vida.

História da Psicologia

Para pensarmos acerca do início da psicologia precisamos retornar ao período dos grandes filósofos gregos. A raiz da palavra psicologia vem do grego psyché, que significa alma e logos significa razão, sentido. Daí nasce o entendimento de estudo da alma para o termo psicologia.



Mistérios da Mente

Fonte: Freepik (2023)

#paratodosverem: Pessoa de mãos erguidas e abertas com uma nuvem branca encobrindo toda a cabeça.

Desde a antiguidade já se havia a preocupação em estudar acerca da natureza humana, com isso surgiam muitos questionamentos acerca da consciência e da capacidade do homem em perceber e como perceber as coisas.

A alma ou o espírito sempre foram alvo de estudos e discussões. A filosofia a via como a parte imaterial do ser humano. Na alma residiria a razão, aquilo que distinguiria o homem do animal. E em Sócrates (469-399 a.C.) os estudos começam a avançar para uma consciência dentro da alma, porém sem um local definido no corpo ainda.

Em seguida, em Platão (427-347 a.C.) esse local passa a ser definido na cabeça. Dentro de sua filosofia, ele entendia que a alma era separada do corpo, porém havia uma ligação, e essa ligação com o corpo (matéria) quem realizava era a medula.

Já em Aristóteles (384-322 a.C.) há a ruptura da ideia de separação de corpo e alma e de sua imortalidade na concepção do ser humano. Para ele, a alma era a essência da vida. Entretanto, ele não entendia que a alma era algo pertencente somente ao homem, mas também ao reino vegetal e animal.

Para Aristóteles a alma no reino vegetal correspondia somente a função de sua existência de alimentação e reprodução e no reino animal somente para uma existência instintiva, reprodutiva e perceptiva. Em ambos não há uma razão ou uma consciência. Ponto este reservado somente para a alma dos seres humanos.

Esta ideia de mortalidade da alma e diferenciação entre sensação e razão serviu de base para as próximas construções filosóficas e científicas futuras, porém antes disso, houve um enfrentamento com outras teorias que estavam ligadas a religião e que também apontavam as suas visões acerca do homem e sua constituição.

Nisto podemos pensar em Santo Agostinho (354-430) um dos principais nomes entre os pais da igreja e que trouxe grandes contribuições para o campo não somente da teologia como também da filosofia. Agostinho, assim como Platão, acreditava na separação da alma e corpo, contudo o que unia as duas dimensões não seria a medula e sim Deus.

Dentro do seu entendimento, Agostinho a alma não continha somente a razão, mas era muito mais profundo. Ali residia a essência humana. Os seus desejos, tantos bons quanto maus. Por isso a necessidade da relação com o Eterno, pois essa relação transformaria o homem (razão + desejos).

Após um grande período de transformações nos campos da religião, economia, política e social, a ciência passou a ganhar mais evidência, e com isso estudos passaram a ser retomados e investidos. Um destes estudos foi acerca da separação do corpo da alma com René Descartes (1596-1659). Este filósofo entendia que o homem sem suas faculdades espirituais é apenas uma máquina.

Em relação a Descartes, Schultz (1992, p.39) diz:

A seu ver, a mente e o corpo eram de essências diferentes. Mas ele se desviou da tradição ao definir o relacionamento entre os dois. Em sua teoria da interação mente-corpo, Descartes sugeriu que a mente influencia o corpo e que este pode exercer sobre ela uma influência maior do que antes se supunha. A relação não é unilateral, mas sim uma interação mútua. Essa ideia, radical no século XVII, teve importantes implicações.

Tais implicações deram inícios a vários estudos de observação objetiva. O que antes era baseado em uma metafísica e em estudos abstratos, agora novos pensadores trariam teorias experimentais para o campo da filosofia.

E no século XVII, com John Locke (1632-1704) surge o empirismo para dar mais corpo a ciência psicológica. Este filósofo não aceitava que o homem possuía qualquer conhecimento inato, mas que todo conhecimento era adquirido através do ambiente conforme fosse vivendo, ou seja, a mente adquire conhecimento através da experiência.

Esta experiência do homem no ambiente se dá através da sensação e da reflexão. A reflexão só existe porque antes sentimos algo no ambiente. E após isso processamos e entendemos o que está ocorrendo e passamos a dar significados. Quanto mais o indivíduo experiencia, mais ele adquire conhecimento, contudo o ambiente é seu mestre.

O último grande filósofo a contribuir para o surgimento da psicologia como ciência foi David Hume (1711-1766). Assim como Locke, Hume não trabalhava a ideia de uma subjetividade como base no homem, mas uma subjetividade (associações) devido a repetições nas sensações e experiências no ambiente.

A Psicologia como Ciência

Estruturalismo

Wundt (1832-1920) ficou conhecido por criar o primeiro laboratório de psicologia na Alemanha em 1879. Com ele nasceu o que ficou conhecido como Estruturalismo. Dentro do seu campo de estudo, Wundt buscou estabelecer como objeto da psicologia o conteúdo mental do indivíduo.

Para ele só existe uma formulação mental a partir de uma sensação física. Mas para se chegar a essa formulação mental há toda uma estrutura por trás que envolve as faculdades cognitivas do nosso cérebro. Wundt passou a aliar a seus estudos a fisiologia ao estudar os órgãos dos sentidos. Seus estudos se baseavam pouco em relatos subjetivos dos pacientes e muito em resultados quantitativos obtidos através de processos e equipamentos de laboratórios.

Funcionalismo

Em resposta ao Estruturalismo, Willian James (1842-1910) desenvolveu o Funcionalismo. Para James o ser humano não é completamente racional, mas que há necessidades e desejos que interferem na construção de conceitos e da razão do homem.

Diferentemente do estruturalismo que tinha a sua base a introspecção como método de estudo, aqui no funcionalismo abraçaria várias técnicas, desde que as mesmas pudessem trazer contribuições para o estudo do objeto da psicologia, que neste ponto ainda era a consciência humana. Porém, o que vemos aqui é uma psicologia pragmática.

Esta corrente se desenvolveu paralelamente nos Estados Unidos por entender que o homem se comporta de tal modo a adaptar-se ao meio em que vive. Este pensamento está totalmente ligado aos ideais Darwinistas que ganharam força no mesmo século.

Acerca das ideias de James, Schultz (1992, p. 153) vai nos dizer que:

Ele acreditava que esta tem de ter alguma utilidade biológica, pois do contrário não teria sobrevivido, O propósito ou função da consciência é capacitar-nos a nos adaptar ao ambiente, permitindo-nos escolher. James distinguia entre hábito e escolha consciente; para ele, o hábito é involuntário e não consciente. Quando o organismo se vê diante de um novo problema e necessita de uma nova modalidade de ajustamento, a consciência entra em cena. Essa ênfase na intencionalidade reflete claramente a influência da teoria evolutiva sobre o pensamento de James.

A partir deste cenário passaram a ser elaboradas as primeiras abordagens no campo da psicologia. Dentre as quais, passaremos a ver algumas delas no próximo capítulo.

Abordagens teóricas

Após o nascimento da psicologia como ciência iniciou-se o trabalho de grandes pensadores para, mediante suas perspectivas e crenças, tentar explicar como se dá o funcionamento do comportamento e da mente humana.



Psicologia como Ciência

Fonte: Freepik (2023)

#paratodosverem: Quatro livros empilhados, o último aberto, sobre uma mesa. Ao fundo, a imagem distorcida de uma estante com muitos livros.

No início a resposta comportamental, ou seja, no campo objetivo do comportamento continuou a ser a principal força no meio da ciência psicológica. Após algumas décadas o campo subjetivo voltou a ganhar força e se ramificar em várias correntes assim como o campo objetivo vinha fazendo.

Aqui faremos o registro das principais abordagens em um período de quase 100 anos. Neste tempo muitas linhas surgiram em respostas as outras já existentes, não em uma tentativa de rivalizar, mas sim em contrapor as principais ideias que o principal pensador e criador da teoria possuía.

Psicologia behaviorista

O behaviorismo é uma abordagem da psicologia que enxerga o homem de forma totalmente objetiva, ou seja, não entende que há uma alma ou até mesmo um inconsciente subjetivo por trás como grandes filósofos vinham sustentando até então e que outras abordagens seguissem. Para esta abordagem o comportamento objetivo do homem deve ser a única fonte a ser analisada e buscada ser compreendida.

Sobre o Behaviorismo, Braghirolli, Bizi e Rizzon (1995, p. 102) dizem que:

O behaviorismo considerou todo comportamento uma função do impulso (derivado de necessidades biológicas) e do hábito. O impulso leva o organismo cegamente à ação. Os hábitos são criados pela contiguidade da resposta ao reforço. A presença do reforço reduz o impulso.

Entende-se o início do conceito Behaviorista em 1913 com John Broadus Watson (1878-1958).

Desde o início da psicologia como ciência buscava-se um objeto de estudo que fosse mais observável em diversos contextos e sujeitos e de uma forma mais mensurável. A análise dos estímulos do meio que levava o organismo a emitir uma resposta passou a ter uma atenção maior nesta abordagem.

A abordagem Behaviorista buscava extinguir qualquer método subjetivo, pois considerava que havia falta de cientificidade nos processos mentais internos. Desta forma, deixou-se de olhar para o homem como dotado de uma alma, como dizia boa parte da base filosófica da psicologia.

Para Schultz, Watson não se distanciou da visão mecanicista e objetiva que visava explicar os fenômenos da natureza:

Watson dava continuidade à tradição atomista e mecanicista estabelecida pelos empiristas britânicos e usada pelos estruturalistas. Os psicólogos estudariam o comportamento humano tal como os físicos estudam o universo: decompondo-o em suas partes constituintes, os átomos ou elementos. (Schultz, 1992, p.247)

Para ele o comportamento humano é determinado por fatores derivados do meio externo e também por fatores genéticos. O que diferencia um ser humano do outro será a maneira pelo qual o mesmo condicionou e aprendeu no meio em que vive.



Síntese

Em seu método entendia-se que o indivíduo é um ser passivo até que o ambiente traga estímulos para que ele responda. Esses estímulos podem ser tanto de ordem positivos quanto negativos.

Watson foi o pioneiro nos experimentos de sua época. O mais conhecido dos seus experimentos foi o caso do bebê Albert, onde ele condicionou o medo de rato a um som alto e irritante.

Esse experimento surgiu quase no mesmo período em que ocorria outros experimentos importantes para a psicologia ao redor do mundo. Talvez o mais notável dos experimentos seja o do fisiologista russo Pavlov. Ivan Petrovich Pavlov (1849-1936) ficou amplamente conhecido por seu experimento de condicionamento clássico ao utilizar um cão.

Em seu experimento Pavlov percebeu que o cão não salivava (comportamento incondicionado) somente quando chegava o pote com ração, mas antes disso. Ele entendeu que o cão aprendeu (comportamento condicionado) a associar a vinda de tal pessoa ou tal vestimenta com a chegada da comida e por isso passava a salivar antes mesmo de chegar o pote com ração.

Este tipo de experimento ficou conhecido como condicionamento clássico, que é quando há um estímulo neutro juntamente com um estímulo natural. No caso do experimento de Pavlov, houve vários estímulos neutros testados, tais como: os passos de quem trazia a comida, o avental branco e o mais conhecido que foi o som do metrônomo. Todos eles geravam ao cão a salivação antes de receber a comida, pois o mesmo aprendeu que era a hora da comida apenas de receber estes estímulos.

E o terceiro grande nome do Behaviorismo é Burrhus Frederick Skinner (1904-1990). Hoje quando se fala de psicologia comportamental está muito ligado a seus estudos e pensamentos. Sua linha ficou conhecida como Behaviorismo Radical. Assim como Watson, ele também entendia que o estudo deveria se concentrar nas explicações de processos objetivos e não subjetivos.

Para ele o comportamento humano ocorre pelas consequências que existem. Skinner tinha como base três tipos principais de consequências que influenciam o comportamento: o reforço positivo, o reforço negativo e a punição. O reforço positivo ocorre quando um comportamento é seguido por uma consequência agradável ou prazerosa, isso aumenta as chances de que ele ocorra novamente.

O reforço negativo ocorre quando um comportamento segue da exclusão de um estímulo não prazeroso, o que também aumentará a chance de ele ser repetido. E por último a punição ocorre quando um comportamento é seguido por uma consequência desagradável ou ameaçadora, desta forma as chances de ele ser repetido vai diminuindo.

O grande experimento de Skinner ficou conhecido como “A caixa de Skinner”. Neste experimento o psicólogo colocou um rato com fome dentro de uma caixa e passou a emitir estímulos para controlar o seu comportamento e condicioná-lo segundo este ambiente.



Saiba mais

A caixa de Skinner foi utilizada nas universidades até recentemente. Assim como outros experimentos com animais, a caixa de Skinner passou a ser proibida no Brasil e deu lugar ao experimento de forma virtual. Mas até então, alunos do curso de psicologia eram ensinados a condicionar ratos da mesma forma que seu idealizador.

Psicologia cognitiva

Com o advento do Behaviorismo, muitos outros profissionais da área começaram a ficar insatisfeitos com os métodos e a visão comportamental aplicada ao ser humano. Isto porque entendiam que a teoria Behaviorista desconsiderava questões importantes na compreensão do comportamento humano, tais como: as emoções, o pensamento e a linguagem.



Comportamento

Fonte: Freepik (2024)

#paratodosverem: Visão superior de um par de mãos que segura papéis brancos com desenhos de diferentes expressões faciais em cores variadas. Fundo amarelo.

Começou a se questionar também a aplicabilidade dos resultados dos experimentos, pois os mesmos eram realizados em sua maioria em ratos e pombos. E tendo o ser humano habilidades cognitivas e emocionais muito mais complexas, entendia-se que era necessário ter um outro olhar sobre o indivíduo.

A respeito da teoria cognitiva Braghirolli, Bizi e Rizzon discorrem que:

A abordagem cognitiva da motivação se propõe a levar em consideração o que se “passa na cabeça” do organismo que se comporta. Segundo a teoria cognitiva, não há um estabelecimento automático de conexões estímulo-resposta, o indivíduo antevê consequências de seu comportamento porque adquiriu e elaborou informações nas suas experiências. (Braghirolli et al, 1995, p. 103)

Embora a psicologia cognitiva tenha sofrido grande influência de nomes como de Kurt Lewin (1890-1947) e Edward Chace Tolman (1886-1959), quem é considerado o pai psicologia cognitiva se chama Ulric Gustav Neisser (1928-2012). Os processos mentais passaram de ignorado para agora descritos e analisados com Neisser.

Dentro do cognitivismo entende-se que o comportamento não se dá meramente por um estímulo do meio, mas que há todo um processo interno e que carrega sim um subjetivismo por trás que deve ser levado em conta. Passou a ser estudado como a atenção e a memória do indivíduo influencia na forma de se comportar no meio.

O homem já não é refém dos estímulos do ambiente, mas que por mais que haja uma influência, há uma escolha consciente no modo de se comportar que atua paralelamente com os estímulos e extintos.

Tanto Neisser como outros teóricos contemporâneos desenvolveram teorias da aprendizagem e do processamento da informação e mostraram como elas são fundamentais para a compreensão de como as pessoas adquirem o conhecimento. Com estes estudos foi possível analisar e entender como a informação é processada, guardada e recuperada pelo cérebro humano.

Psicanálise

Em Viena nasce três grandes escolas psicológicas. A primeira e talvez a mais famosa de todas é a psicanálise de Sigmund Freud (1856-1939). Freud que foi um renomado neurologista e psiquiatra da sua época, inquieto e muito discordante das teorias comportamentais, começou a estudar o subjetivismo de forma mais profunda.

Para ele, era muito rasa a ideia de pensar que os comportamentos humanos eram submissos a estímulos do ambiente simplesmente, mas que havia uma dimensão muito maior por detrás. Embora seus estudos tenham tomado uma profundidade maior conforme as controvérsias contra os comportamentalistas iam aumentando, a base de suas ideias residia em sua própria experiência de vida.

Freud foi muito criticado em sua época por conta de que suas teorias traziam como base a sexualidade do indivíduo. Com o desenvolver de suas teorias, ficou comprovado de que se tratava de uma teoria determinista, onde para ele a razão das doenças e transtornos mentais residia em uma disfunção do aparelho psíquico ao qual se constituía a partir de fases ligadas a sexualidade na infância.

Acerca da visão de sexualidade na psicanálise, Braghirolli, Bizi e Rizzon apontam que:

Cabe, aqui, uma explicação do termo sexual, entendido por Freud com um sentido bem mais amplo do que o usual. A função biológica da sexualidade é a procriação e a preservação da espécie, mas a motivação para os comportamentos que preservam a espécie é o prazer do ato. Estão incluídos nestes atos: a relação sexual na idade adulta, o próprio ato de alimentar-se, de sugar na infância e muitos outros como os que representam o amor dos pais pelos filhos. (Braghirolli et al, 1995, p. 181)

Para ele a personalidade do indivíduo se desenvolve em sua maior parte até os 6 anos de idade ao passar por 5 fases durante esse período. Abaixo há um quadro mostrando de forma resumida estas 5 fases:

FASE ORAL (0 – 3 anos)	Nesta fase o alvo de prazer está direcionado a movimentos como chupar e a sucção. Os bebês tendem a levar tudo a boca, não sendo somente a sua forma de se alimentar, mas também de experimentar o mundo.
FASE ANAL (18 meses – 6 anos)	Nesta fase o prazer da criança reside em conseguir controlar os processos de sua bexiga e de seu intestino. Para Freud, esse controle é um gerador de prazer para a criança, tanto no reter quanto no expelir as fezes no momento adequado, atraindo a atenção e reconhecimento das figuras parentais.
FASE FÁLICA (3 – 6 anos)	Nesta fase a criança começa a experimentar prazer pelos seus órgãos genitais. É nesta fase que inicia-se os complexos sexuais, onde o menino descobre que só ele possui pênis (castração na menina) e atração pelo sexo oposto (complexo de Édipo).
FASE LATÊNCIA (6 anos até a puberdade)	Nesta idade a criança passa a desenvolver-se socialmente e intelectualmente, de forma com que a energia libidínica é dirigida para outras ações.
FASE GENITAL (puberdade em diante)	É nesta fase que os desejos sexuais se afloram e o indivíduo sente uma necessidade maior de atender as suas demandas, preferencialmente através do sexo oposto, desde que tenha havido um desenvolvimento sadio nos outros estágios.

Quadro 1: Fases de desenvolvimento da personalidade para Freud

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Outra teoria importante da psicanálise é acerca da consciência, que para Freud, é dividida entre consciente, pré-consciente e inconsciente. Dentro desta compreensão, tudo o que experienciamos no presente e o que pensamos neste exato momento é o que está acessível em nossa consciência.

Já aquilo que é recente, memórias de curto prazo e sensações naturais já vividas, permanecem no pré-consciente e que é facilmente acessado. Já no inconsciente reside uma série de repulsões e desejos que estão ligados a traumas, frustrações, perdas e etc. que são de difícil acesso.

Acerca da visão de Freud, Schultz (1992, p.323) diz:

A psicanálise não se ocupava das áreas tradicionais da psicologia, em especial porque a preocupação delas é oferecer terapia a pessoas com distúrbios emocionais. Desde o começo, a psicanálise era separada e distinta do pensamento psicológico principal em termos de objetivos, objeto de estudo e métodos. Seu objeto de estudo é o comportamento anormal, que fora relativamente negligenciado pelas outras escolas de pensamento, e seu método primário é a observação clínica, e não a experimentação laboratorial controlada. Do mesmo modo, a psicanálise está voltada para o inconsciente, um tópico virtualmente ignorado pelos outros sistemas de pensamento.

Além disso, Freud também revolucionou o campo psicológico da época a trazer uma concepção totalmente distinta até então acerca da estrutura da personalidade do indivíduo. Ele criou a teoria do Id, Ego e Super Ego.

Para Freud, o Id seria aquilo com o qual todo homem nasce e é responsável pela criança ter o que ela necessita, neste caso, o instinto de satisfação e prazer, visto que a criança ainda não possui uma independência psicoemocional e social. O Id não leva em consideração meio ou o outro, apenas exige que a necessidade seja atendida.

Ao contrário do Id, o indivíduo não nasce com o Ego, mas ele passa a se desenvolver a partir dos 3 anos conforme a criança entra em contato com uma interação mais efetiva com o mundo e sua realidade. Se antes o Id não considerava o meio e os outros na obtenção do prazer e satisfação, aqui o Ego já passa a considerar, pois começa a mensurar que há consequências.

E por último o Super Ego, que se desenvolve por volta dos 6 anos de idade, é quando a criança começa a entender que há regras, sejam elas de âmbito geral, impostas pela sociedade, sejam elas de âmbito particular,

impostas pelos cuidadores. É quando o indivíduo entra em contato com a moral e passa a criar valores.



Saiba mais

Para Freud, qualquer disfunção em qualquer uma dessas fases do desenvolvimento ou qualquer desequilíbrio entre as partes da personalidade é que trazem os transtornos e doenças mentais ao indivíduo.

Psicologia analítica

Carl Jung (1875-1961) andou muito próximo de Freud. Jung até certo momento de sua vida era um seguidor das ideias da psicanálise freudiana. Contudo, após se aprofundar nos estudos ele começou a discordar de Freud em alguns pontos cruciais, dando início assim a sua teoria conhecida como psicologia analítica.



Debate teórico

Fonte: Freepik (2023)

#paratodosverem: Imagem do busto de um homem grisalho com uma lupa em uma das mãos e um livro antigo aberto na outra mão, olhando o livro com ajuda da lupa.

A grande controvérsia se deu no entendimento acerca do inconsciente, onde para Jung o indivíduo possui algo derivado de seus ancestrais, tanto humanos como animais, a isso ele chamou de inconsciente coletivo. Neste inconsciente o homem possui experiências ligadas a sua própria evolução. Para Jung essas informações são tão inacessíveis que pouco ou nada sabemos delas, mas que mesmo assim seria a base da nossa personalidade.

Além do inconsciente coletivo, também há o inconsciente pessoal onde encaminhamos situações de sofrimento e desagradáveis, desejos inalcançáveis e anseios e que geralmente se dividem em complexos, mas que ao contrário da visão freudiana, o acesso a eles não é difícil, de modo que é possível trazê-los a consciência sem muito esforço.

E na camada mais superior estaria a consciência que para Jung que é o nosso contato com a realidade. Onde reside a construção das nossas percepções do presente.

Dentro desta estrutura da psique humana foi que ele desenvolveu seu sistema de arquétipos. Oriundas do inconsciente coletivo, Jung irá dizer que o indivíduo se comporta mediante a modelos armazenados em sua psique que remetem a ancestrais que viveram situações similares e que sugestionam hoje que o homem se comporte de tal modo.

Estudando diversas culturas Jung encontrou no misticismo e na teoria da evolução Darwin sustentação para a sua teoria. Foi dentro deste contexto que ele encontrou símbolos que ele entendeu serem similares a todo homem, não importante a cultura e o contexto. Dentro disso encontrou inúmeros arquétipos no ser humano. Contudo entende que há quatro principais:

SELF	O arquétipo que traz equilíbrio para a estrutura psíquica do indivíduo. Quando este arquétipo está atuando de forma eficaz, o indivíduo tem a capacidade de autorrealização e de lidar com as situações adversas.
SOMBRA	Este arquétipo está ligado ao que se possui de ideias reprimidas e repulsivas. Há também a ligação com a questão sexual do indivíduo. É desprovido de um conceito de moral.
ANIMA OU ANIMUS	A Anima se refere a características femininas que o homem possui e o Animus a características masculinas que a mulher possui. Isso se deu pelo relacionamento mútuo dos antepassados.
PERSONA	É a forma como cada um escolhe ser visto. Como deseja ser conhecido. Isso pode variar conforme o contexto social e relacional. Geralmente não está ligado com quem a pessoa realmente é, mas que naquele momento lhe é útil (máscara).

Quadro 2: Arquétipos em Jung

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

Jung também rejeitou outros temas centrais tais como o complexo de Édipo, pois para ele o apego da criança a mãe não passada de um instinto ligado ao inconsciente coletivo correspondente a necessidade e cuidado.

Por mais que Jung considere muito o passado como influenciador no comportamento humano, ele traz uma compreensão distinta de Freud no que diz respeito as causas primárias, onde discorda que há sempre uma ordem sexual por detrás das disfunções psíquicas.

Gestalt terapia

Comumente Friedrich Salomon Perls (1893-1970) é tido como o pai da Gestalt terapia. Mas antes de falar dele é importante mencionar outros três nomes que deram a base para a abordagem da Gestalt. Estes nomes são: Max Wertheimer (1880-1943), Kurt Koffka (1886-1941) e Wolfgang Kohler (1887-1967). Estes três psicólogos totalmente descontentes com o advento do Behaviorismo e do início das teorias psicanalíticas se

levantaram no início do século XX para desenvolver a base do que seria conhecido hoje por Gestalt Terapia.

A palavra alemã “Gestalt” traduzida traz a ideia de forma ou de todo. E diante disso foi construída esta abordagem, pois para eles a mente e seus mecanismos devem ser estudados mediante um olhar para o todo e não isoladamente.

Contra a ideia do behaviorismo, Bock, Furtado e Teixeira nos dizem que:

O Behaviorismo, dentro de sua preocupação com a objetividade, estuda o comportamento através da relação estímulo-resposta, procurando isolar o estímulo que corresponderia à resposta esperada e desprezando os conteúdos de “consciência”, pela impossibilidade de controlar cientificamente essas variáveis. A Gestalt irá criticar essa abordagem, por considerar que o comportamento, quando estudado de maneira isolada de um contexto mais amplo, pode perder seu significado (o seu entendimento) para o psicólogo. (Bock et al, 1999, p. 59)

Dentro dessa abordagem o indivíduo não deve ser visto em estruturas isoladas, mas um único ser composto por dimensões distintas. Desta forma, o homem é visto como um ser bio-psico-sócio-espiritual.

E é por volta da década de 40 que a abordagem se torna em terapia propriamente dita com Perls. Uma terapia que visa ajudar o indivíduo a tomar conta de si, de conhecer a si próprio através de um olhar para dentro de si mesmo. Para isto, Perls trabalha a ideia de “figura-fundo”, onde o indivíduo tem a dificuldade de olhar o todo, mas somente o que ele quer. Isto estaria ligado a seus desejos, impulsos, repulsões, medos.

Dentro desta ideia, o indivíduo pode, por si só, enxergar o que está a sua frente na sua plenitude, sem que necessite criar um outro “eu” ou vestir “máscaras” para suportar, pois a mesma figura que antes era vista em partes, agora poderá ser vista em um todo, pois se trata de uma figura daquele indivíduo e não de outro.



Saiba mais

Esta abordagem, por beber da filosofia humanista, não somente enxerga o homem dotado de um livre arbítrio, como o estimula a fazer uso do mesmo. Entendendo que tem capacidade de não ser uma criatura refém de condicionamentos e estímulos, embora os mesmos possam influenciar.

Psicologia humanista

Assim como movimento da Gestalt, a psicologia humanista surge em resposta as duas principais escolas que continuavam em ascensão, a saber, a comportamental e a psicanalítica. O humanismo também se mostrou insatisfeito com o determinismo destas escolas e a semelhança da Gestalt, não houve um único nome como destaque desta nova escola, mas podemos mencionar três: Abraham Maslow (1908-1970), Carl Ransom Rogers (1902-1987) e Rollo Reece May (1909-1994).

Sobre o surgimento da psicologia humanista, Schultz (1992, p.393) comenta que:

Uma psicologia baseada em respostas condicionadas discretas faz da pessoa um organismo mecanizado que apenas responde aos estímulos apresentados. Para os psicólogos humanistas, os seres humanos são muito mais do que ratos brancos, robôs ou computadores, não podendo ser objetificados, quantificados e reduzidos a unidades de estímulo-resposta. Em outras palavras, os indivíduos não são organismos vazios.

Os psicólogos dessa corrente humanista desejavam que a psicologia deveria se concentrar primordialmente não apenas nos comportamentos como prioridade, mas priorizar a individualidade e levar em consideração principalmente a subjetividade de cada um. Eles trouxeram um olhar não só para o livre arbítrio do homem, mas para a responsabilidade em se buscar um crescimento pessoal e um sentido em suas ações.

E pensando nesses três principais nomes da psicologia humanista, primeiramente temos Abraham Maslow. Ele ficou amplamente conhecido pelo desenvolvimento de sua pirâmide em que trabalhou a hierarquia de necessidades do homem.



Maslow desenvolveu sua teoria de personalidade humana em conjunto com a sua hierarquia de necessidade, pois entendia que o ser humano se comporta mediante o desejo de alcançar algum motivo, algum crescimento ou desenvolvimento em sua vida.

Para ele não há como atender a ponta da pirâmide sem antes atender as demandas anteriores. O indivíduo se frustra quando tenta dar um salto de uma até outras ou quando ignora a ordem desta hierarquia.

O outro expoente da psicologia humanista, Carl Rogers ficou conhecido por estabelecer a terapia centrada na pessoa. Rogers entendia o ser humano com uma natureza boa, ou seja, suas motivações naturais seriam para se desenvolver e melhorar.

Ele também trabalhava sob uma perspectiva de empatia, não somente no set terapêutico, mas de vivência do paciente em suas relações sociais. Era desta forma que o paciente poderia experimentar da melhor forma as situações no seu dia a dia, sendo elas de qualquer natureza e assim lidar melhor com as emoções emitidas.

Roger também entendia que o indivíduo precisa aprender a aceitar o que lhe é oferecido, mesmo que esse sentimento não venha de encontro

com o ideal que havia projetado, mas que dentro da empatia que aprendeu a exercer, entende que é o que o outro pode oferecer naquele momento, e dessa forma não se sente desvalorizado. A ideia aqui não é a supervalorização, e sim evitar a não valorização.



Atenção

Ele era contrário as ideias do behaviorismo que dizia que o indivíduo era refém do condicionamento, e por isso se comportava de tal modo. Também foi contrário à ideia de Freud no que diz respeito ao determinismo de problemas estabelecidos na infância e de ordem sexual. Para ele todo ser busca realizar algo para si, e é em busca disso que ele vai se direcionar após compreender o que se busca, do contrário suas forças serão empreendidas em outros alvos e de formas frustrantes.

Em terceiro, temos Rollo May, que além da base humanista também aliou consigo conceito existencialistas na construção de sua teoria. Mesmo que de forma mais tímida, trabalhou o conceito de que há um sentido na vida e que ao não escolher viver sob um sentido, cria-se uma angústia existencial.

May também trabalhou a ideia da responsabilidade humana, onde seu principal olhar residia no presente. Não desconsiderava o passado, mas não lhe dava tanta atenção quando a psicanálise e a psicologia analítica em que suas bases residiam no passado.

May não condenava totalmente as ideias de Freud, mas buscou construir uma ideia diferente de inconsciente. Não rejeitou que havia essa dimensão, mas ressignificou ela, onde entendia que o homem não rejeita ideias ou pensamentos, mas rejeita a possibilidade de ação, ou seja, escolhe não fazer algo, não agir.

Para ele, o ser humano que não busca se realizar, que não busca construir um sentido na sua vida e viver por esta realização, acaba vivendo em um distanciamento de si mesmo. Para ele o Eu está totalmente ligado com o ser responsável que atua constantemente na busca por realizar aquilo que a vida lhe pede.



Síntese

Assim como outros humanistas, May busca dentro do próprio indivíduo a resposta as demandas do meio social. Ao contrário de outras teorias que dependem de estímulos do meio, ou de fontes subjetivas e inacessíveis, aqui ele entende que o indivíduo não só pode, como deve exercer o acesso a essas atitudes perante a vida.

Psicodrama

Jacob Levy Moreno (1889-1974) é o criador do psicodrama. Esta abordagem que tem como pano de fundo o humanismo e existencialismo traz uma perspectiva diferente dos psicólogos humanistas que vimos anteriormente. Para ele a principal característica do ser humano é a espontaneidade, ao qual traz consigo desde o nascimento.



Humanismo e Existencialismo

Fonte: Freepik (2024)

#paratodosverem: Homem vestido com um terno caminhando por um túnel formado por painéis com a abertura no formato de uma cabeça. O enfileiramento dos painéis dá a sensação de profundidade e de que o homem está adentrando cada vez mais na cabeça humana.

Embora o homem não seja um ser totalmente disposto ao que é bom como via Rogers, Moreno entende que a uma matriz de relação e experiências logo no início da vida que podem gerar inclinações destrutivas, e que poderão ser tratadas e recuperadas futuramente.

Para ele, conforme o indivíduo passa a se relacionar com o ambiente a criança passa a compreender os sinais e experiências vivenciadas. A semelhança de Freud, Moreno também entende que a personalidade se desenvolve na infância, porém sem o cunho sexual exposto na psicanálise.

Para ele a criança também passar por algumas fases de não reconhecimento do outro para reconhecimento. De ter só um tempo, que é o presente, para configurar o passado e o futuro. Com o tempo passa a ocorrer as primeiras inversões de papéis no seu relacionar com o outro.

Diante dessa percepção sua personalidade passa a ser formada e ele passa a se reconhecer como um ser dotado de responsabilidade e liberdade para atuar no mundo. Essa atuação vai tomando forma com o desenvolvimento conforme se vai assumindo o que é chamado de papéis sociais.

Nos papéis sociais não se trata de uma máscara ou agir falsamente para ser aceito, pelo contrário, deve-se buscar agir com originalidade e paixão. O viver segundo seus papéis sociais envolve o outro. O psicodrama está totalmente ligado a percepção do outro a sua volta. Moreno trabalha uma ideia de um ser criado para se socializar, para viver com o outro, o eu e tu.

Embora se trabalhe muito com a imaginação, esta abordagem solicita a imaginação do indivíduo para que se viva na realidade. Em uma ideia de tirar do subjetivo e trazer para o objetivo. Por isso a importância de se reconhecer na execução de suas responsabilidades enquanto ser no mundo.

Era muito comum Moreno se utilizar de encenações em suas sessões terapêuticas. Como dramaturgo fez uso de suas técnicas para aplicar nas sessões o que entendia de haver necessário para tornar o paciente livre para agir como deveria.

Moreno entendia que o indivíduo deveria buscar respostas e agir mediante a sua realidade e não ao seu passado. O que ele sente está muito mais relacionado com o agora do que com o antes ou o depois.

Quando se tira a liberdade e a espontaneidade do indivíduo, este entra em uma crise existencial e passa a se comportar de forma distinta daquela desenvolvida na sua matriz de identidade, perdendo de vista os valores e o sentido de vida.

Logoterapia

Como mencionado anteriormente, em um pequeno espaço de tempo surgiram três escolas Vieneneses de psicoterapia. A primeira foi a escola psicanalítica de Freud, a segunda escola ficou conhecida pela psicologia individual de Adolf Adler (1870-1937) e a terceira foi a escola de Viktor Emil Frankl (1905-1997), conhecida como Logoterapia.



Leia

Assim como a primeira escola de Freud, aqui a terceira ganha grande destaque por seu impacto nos campos não somente da psicologia, como também sociais, médicos e educacionais. Viktor Frankl trouxe uma revolução no que diz respeito a enxergar o ser humano e seu comportamento.

Frankl, como quase todos os demais teóricos tinha por base a religião judaica, mas que mais tarde conheceu a religião cristã. Sua abordagem embora tenha elementos do humanismo, é em sua maior parte baseada no existencialismo, em especial do filósofo e teólogo norueguês Soren Kierkegaard.

Ao contrário de outras abordagens em que foram baseadas em levantamentos e dados após atendimentos com um número de pacientes com determinados problemas, ou sem exatamente possuir qualquer problema, ou em experimentos com animais, a logoterapia teve como seu maior teste o próprio Viktor Frankl. Ao ser levado prisioneiro por Hitler para o campo de concentração em Auschwitz, ele pôde experimentar o todo de sua própria teoria.

A logoterapia buscou desde seus primórdios romper com o determinismo das principais escolas. A fonte dos problemas e dificuldades não residia por questões geradas exatamente na infância e de ordem sexual, embora pudesse haver conexão. Também não eram por conta de arquétipos de ancestrais ou de reforços negativos do ambiente, embora estes últimos pudessem influenciar.

Esta abordagem entende o ser humano dotado de três dimensões: biológica, psicológica e espiritual. Há o objetivo, mas há também o subjetivo. Porém nenhum é refém do outro, mas ambos atuam em conjunto. O ser humano deve ser livre e atuar de forma responsável mediante as circunstâncias que lhe sobrevém. A isto Frankl chamou de transcendência, que é a capacidade mudar a si ou um comportamento para agir diante de um sofrimento ou frustração.

Frankl buscava trabalhar sempre a liberdade que cada indivíduo possui sobre o meio em que vive. Por mais que haja condicionantes, ele nunca os teve como impeditivos, no máximo como limitantes. E que diante disso, o homem é livre para ressignificar quando há uma limitação, pois a mudança não deve ser vista como algo danoso e sim como necessário se de encontro com os valores e sentido de sua vida. Quando realizado desta forma, o indivíduo age com responsabilidade e liberdade autêntica, pois esta deriva de sua dimensão espiritual. Como ele mesmo diz:

Não preciso de que ninguém me chame a atenção para a condicionalidade do homem - afinal de contas, eu sou especialista em duas matérias, neurologia e psiquiatria, e nessa qualidade sei muito bem da condicionalidade biopsicológica do homem: acontece, porém, que não sou apenas um especialista em duas matérias, sou também sobrevivente de quatro campos de concentração, e por isso também sei perfeitamente até onde vai a liberdade do homem, que é capaz de resistir às mais rigorosas e duras condições e circunstâncias, escorando-se naquela força que costumo denominar de resistência do espírito. (Frankl, 1989, p.41)

Para Frankl, o homem vive em busca do sentido de sua vida. Ele classifica em três tipo de sentido: sentido na vida, pra vida e da vida. Sendo este último o primordial. Enquanto o homem não encontra este sentido ele vive uma existência pautada a crises e dor. Entende ele que o homem precisa dar um propósito ao que acontece a sua volta, e quando ele não o faz, alguém ou algo o fará por ele, porém não será o seu sentido, e sim do outro.



Atenção

Diferentemente de Freud que entendia que a motivação fundamental e inconsciente do homem é a busca do prazer, Frankl vai dizer que é a busca por um sentido. Por isso a importância de se estabelecer valores e viver sob tais valores, do contrário entra em contato com o que ele entendia como frustração existencial.

Métodos de pesquisa em psicologia



Metodologia de pesquisa

Fonte: Freepik (2023)

#paratodosverem: Imagem de uma mesa sobre a qual estão as mãos de um homem que segura na mão esquerda uma lupa sobre uma peça de quebra cabeça e na direita um lápis sobre um caderno de anotações. Em volta, sobre a mesa, objetos como um relógio despertador antigo e um celular.

Com o passar do tempo foram se desenvolvendo novos métodos de pesquisa no campo da psicologia. Porém, as mais importantes permanecem as mesmas. Elas envolvem métodos experimentais, observacionais, correlacionais e estudos de caso.

Seja em qual método for utilizado, há etapas básicas a se seguir, tais como: selecionar um tema a ser investigado e delimitar o problema a ser respondido. O problema poderá ter no mínimo duas variáveis.

Avançando para a próxima etapa é o momento de formular uma ou mais hipóteses acerca deste problema. A ou as hipóteses deverão ser respondidas dentro da pesquisa.

Por se tratar do comportamento humano, as variáveis poderão ser muitas, por isso a importância de uma delimitação maior e um objetivo mais particular. Além das particularidades do próprio objeto de estudo, deverá ser levado em consideração fatores externos do ambiente.

Para facilitar essa investigação, as respostas do ambiente são chamadas de variáveis independentes e as respostas, ou seja, o comportamento que o indivíduo emite mediante a estas variáveis do ambiente são chamadas de variáveis dependentes.

Métodos experimentais

Neste método o principal objetivo em sua investigação é entender as condições que antecedem uma situação para melhor compreensão do comportamento emitido pelo indivíduo.

Isto é realizado de forma a estabelecer um controle nas condições externas em que o indivíduo estará inserido. Inserindo ou excluindo variáveis a todo instante para que o objeto de estudo emita respostas. Claro que quando dizemos controlar não significa ter 100% do controle, mas ter a possibilidade de influenciar a emissão de respostas do objeto em estudo.



Saiba mais

Este método foi o mais utilizado no início da psicologia. Embora ele ainda seja muito usado, já concorre com outros métodos, principalmente pelo fato de ter se extinguido o uso de animais nos experimentos.

Uma outra característica deste método é que há muita repetição, justamente pela prática de controle das variáveis, aplica-se vários cenários objetivando-se visualizar diferentes respostas ou a confirmação da mesma resposta mesmo em condições distintas.

É importante ressaltar que esse método por trabalhar com o controle das condições acaba por tirar parcialmente (ou total em alguns casos) a naturalidade do comportamento, visto que você produz condições e um ambiente artificial, fora da realidade do indivíduo.

Métodos observacionais

Geralmente se divide em duas classes esse método: observação natural e observação controlada. Na primeira o profissional busca somente observar no sentido literal, sem intervir no comportamento do objeto. Deve sempre ocorrer em um ambiente real e natural do objeto e nunca em um ambiente criado para aquilo.

Busca-se a utilização deste método principalmente em fases da infância, pois estes ainda não se sentem seguros para agir mediante a ambientes novos ou estranhos, ainda mais desprovidos de uma figura de segurança.



Saiba mais

Este é um método que pode demandar muito tempo do profissional além de empreender sua subjetividade, pois como ele não exerce nenhum controle nas variáveis, como mero observador, em dado momento ele pode acabar enxergando o que ele quer enxergar.

Já na segunda classe, na observação controlada, o profissional já possui a liberdade de exercer certo controle sobre o meio do objeto de estudo. Sua influência não é tão grande como no método experimental, mas seu exercício de controle é pontual mediante a resposta que deseja observar.

A sua forma de controlar também é mais sutil do que no método anterior. Pois suas interferências visam não sair muito do ambiente natural e seguro do objeto em observação.

Métodos correlacionais

Neste método busca-se compreender qual a relação que há entre duas ou mais variáveis no comportamento final do objeto. É através desse método que se pode chegar a conclusão que as hipóteses levantadas inicialmente não correspondem com nenhuma relação entre as variáveis, excluindo assim a causa e efeito de tal influência.

Dentro deste sistema não se busca estabelecer um resultado após o objeto viver sob tais variáveis, mas tal resultado já existe, o que se espera é entender qual variável atua mais ou menos na chegada desse resultado.

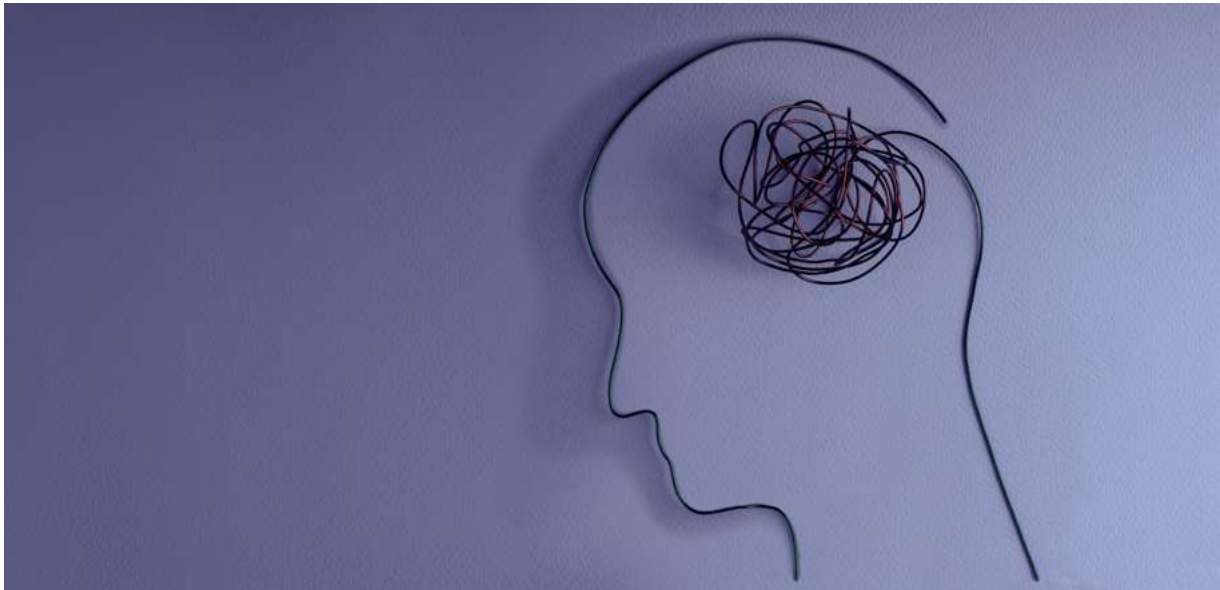
Estudos de caso

Também há método que se dá através de estudos de casos. Este método é muito utilizado no âmbito clínico, pois se dedica a analisar casos geralmente individuais e que possuem alguma disfunção psíquica ou emocional.

Para isto se faz uso de algumas ferramentas, tais como: entrevistas, testes, além da observação. A análise do material poderá ser realizada por um único profissional ou por vários, podendo inclusive serem de áreas distintas.

Além do comportamento, leva-se em consideração a forma subjetiva do sujeito. Não o olhar do profissional, mas como o sujeito se sente, pois é um ponto importante para entender as motivações para a escolha de tal comportamento.

Desenvolvimento humano



Teorias do desenvolvimento humano

Fonte: Freepik (2024)

#paratodosverem: Arte em arame mostrando o perfil de uma pessoa e um embolado de fios que representa o cérebro. O Fundo é azulado.

Extremamente importante para a psicologia são as teorias do desenvolvimento humano. Não são poucos os que concebem a fase do desenvolvimento humano iniciada após o nascimento e que perdura alguns anos até o início ou fim da juventude. Mas o desenvolvimento humano vai muito além disso, na verdade ele inicia antes mesmo do nascimento. Algumas correntes de pensamento entendem que já no útero inicia-se o processo de desenvolvimento, não somente físico, mas também psíquico e que perdurará até a morte deste indivíduo.

Quando pensamos em ser humano temos de ter em mente que tal desenvolvimento não é somente físico ou biológico, mas também e principalmente cognitivo, psíquico, emocional e espiritual. O ser humano é uma unidade, onde não devemos separá-lo em nichos.

Sabemos que há picos nesse desenvolvimento. Há momentos específicos em que perceberemos, em um pequeno espaço de tempo, grandes evoluções na parte física. Em outros momentos, esses picos atingiram a parte cognitiva. Em outro momento, a parte psíquica e emocional e por daí em diante. O desenvolvimento é sempre contínuo, embora haja momentos que se percebe ele ocorrendo de forma mais acentuada.

A importância de entender as fases do desenvolvimento humano consiste em conhecer o ser humano como um todo. Por trás de cada ser humano há uma história, recheada de particularidades, porém possuidora também de pontos em comuns.



Síntese

Como em muitas outras esferas da vida, no desenvolvimento humano também há certas ordens a serem seguidas. Tais estágios do desenvolvimento e suas fases só podem ser alcançadas após atingirem certos fatores. E por isso vamos ver dois dos principais teóricos que trabalham as fases do desenvolvimento humano: Jean Willian Fritz Piaget (1986-1980) e Lev Semyonovitch Vygotsky (1896-1934).

Teorias do Desenvolvimento em Piaget

Piaget cunhou uma teoria do desenvolvimento que é baseada em quatro fases. Para ele toda criança passa por essas fases, não importando a sua cultura ou a sua educação. Para melhor compreensão faremos um resumo dessas fases no quadro a seguir.

SENSÓRIO-MOTOR (0-2 ANOS)	Esta fase inicia-se através da estimulação e da percepção para a criança. Com o passar dos meses e o desenvolvimento físico, além da percepção ela vai adquirindo a capacidade de perceber o outro agora através do próprio contato físico. É nesta fase que ela começa a adquirir hábitos próprios como o andar conforme seu corpo vai se desenvolvendo. Essa ação permite que ela busque o objeto e não mais espere que o objeto venha até ela. Também começa a perceber que os objetos existem mesmo que naquele momento não tenha contato visual com o mesmo.
PRÉ-OPERATÓRIO (2-7 ANOS)	O aspecto mais relevante para essa fase é a linguagem. Com a linguagem a criança tem a capacidade de dar um salto no que diz respeito ao intelecto e social. Essa fase também é caracterizada em sua maior parte por um egocentrismo, pois a criança não leva em consideração o sentimento da outra. A busca do seu querer é acentuado e só começa a diminuir no fim da fase com a internalização da moral e da empatia pelo outro, marcando o início da próxima fase.
OPERAÇÕES CONCRETAS (7-11 ANOS)	Nesta fase a criança começa a se desprender do lúdico para ter acesso a um mundo mais concreto. Embora ainda seja de forma limitada, ela inicia um processo de consciência sobre seus deveres perante o outro e sobre o meio exterior. Inicia-se também o relacionar-se com grupos. Adquire também a capacidade de estabelecer objetivos, escolher o que fazer entendendo o sentido da escolha. Mais para o fim da fase, a criança começa a desenvolver também o senso de autoestima, aprovando ou reprovando a si mesmo.
OPERAÇÕES FORMAIS (11 ANOS EM DIANTE)	Na última fase a criança, já entrando na adolescência, inicia-se o processo de conceitos concretos e hipóteses. Aqui já há o contato com o mundo abstrato. Inicia-se livremente o processo de reflexão sobre si e sobre o outro. Possui a capacidade de criação e inovação no campo subjetivo e objetivo. Toda essa transformação o leva a um distanciamento de figuras parentais, não recusa, para uma descoberta maior de si mesmo, objetivando uma liberdade maior. Descobre-se e desenvolve-se novas crenças. E busca a inserção e aceitação em grupos sociais.

Quadro 3: Fases do desenvolvimento em Piaget

Fonte: elaborado pelo autor (2023).

É importante lembrar que as idades propostas nunca foram propostas pelo autor de forma determinista, mas sim de forma basal. Algumas crianças podem passar de fase após as idades acima citadas.

É importante também considerar as possibilidades de déficits físicos ou cognitivos que também podem atrasar o avanço de fases. Pois Piaget nunca desconsiderou as influências neurológicas e biológicas, até porque ele desenvolve sua teoria baseado na ideia de que a estrutura que a criança possui é derivada da genética e da evolução da espécie e por isso a capacidade de aprender e conhecer.

Piaget também cunha dois conceitos básicos que atuam para o desenvolvimento da criança nestas fases. O primeiro ele dá o nome de assimilação para a capacidade que as crianças têm de incorporar novas informações e experiências em cada uma dessas fases. E acomodação quando há a necessidade de criar uma nova ideia mediante as informações que a criança já possui, pois o que ela tem já não a atende mais na demanda em que está inserida.

Teorias do Desenvolvimento em Vygotsky

O segundo teórico importante para a psicologia que trabalhou sobre o desenvolvimento humano é Vygotsky. Este autor irá por um outro caminho para explicar o desenvolvimento humano, pois para ele a aprendizagem social antecede os processos cognitivos como dizia Piaget.

Para ele, primeiro surge um contexto social entre pessoas para que a criança se desenvolva (nascimento) onde a criança a seu modo passa a receber essas informações de linguagem por parte dos pais. Embora não haja uma consciência ainda, já há uma capacidade de aprendizagem que continuará se acentuando com os pais e pessoas mais próximas.

Vygotsky pensava desta forma porque cria que a linguagem era a principal forma que os adultos tinham de trazer informações as crianças e através dessa linguagem é que elas transformavam isso em processos internos para o conhecimento e intelecto. Para ele a linguagem é quem criava pensamentos.

Sobre Vygotsky e sua visão, Bock, Furtado e Teixeira nos diz que:

As crianças, desde o nascimento, estão em constante interação com os adultos, que ativamente procuram incorporá-las a suas relações e a sua cultura. No início, as respostas das crianças são dominadas por processos naturais, especialmente aqueles proporcionados pela herança biológica. É através da mediação dos adultos que os processos psicológicos mais complexos tomam forma. (Bock et al, 1999, p. 107)

O conceito mais conhecido em sua teoria é chamado de ZDP (zona de desenvolvimento proximal). Nela a criança é colocada em um contexto em que necessita desenvolver atividades que estão além de suas habilidades conquistadas até o momento, porém que são tarefas possíveis de alcançar o êxito e o desenvolvimento.

Para alcançar isto o principal meio volta a ser a linguagem, onde o meio se comunicará com ela fornecendo o que é necessário para a realização dessa tarefa. Essa comunicação consiste em questões objetivas e subjetivas, levando em consideração a experiência que a criança já possui.

A mediação aqui apontará para a realidade (o que a criança já consegue realizada) para a sua potencialidade (o que ela irá aprender a realizar dali em diante). Sem a interação a criança é incapaz de se desenvolver. Todo seu desenvolvimento se dará ao longo das suas relações, primariamente parental, paralelamente com a cultura e sociedade.

Conclusão

Em virtude dos pontos mencionados fica evidente o quanto a psicologia contribuiu e continua contribuindo para a sociedade. Muitas mudanças continuam ocorrendo nos mais diversos contextos: sociais, políticos, econômicos, religiosos e culturais e mediante isso se faz emergente um olhar mais atencioso a psicologia como ciência.

O campo de atuação da psicologia continua a se expandir. Não se restringe mais ao meio da saúde, mas tem se mostrado de grande importância para o meio administrativo, empresarial, criminalístico, esportista, religioso e muitos outros.

O cargo chefe da psicologia ainda continua sendo a clínica, onde a psicoterapia ganha suas roupagens particulares mediante a cada abordagem. É direito do paciente buscar uma abordagem que mais se identifique para melhor eficácia do acompanhamento. Infelizmente pouco ou nada se conhece acerca das diferenças das abordagens e da compreensão que cada uma possui da visão de homem e de mundo.

É uma falácia a ideia de que se deve deixar de lado suas convicções e crenças para adentrar no set terapêutico. Isto é impossível tanto ao paciente quanto ao terapeuta, pois a cosmovisão de cada um é anterior a qualquer abordagem psicológica. Há a escolha de mudar de cosmovisão, porém não de suspender e chegar neutro.

Por isso entende-se quando indivíduos possuidores de certas crenças procuram uma abordagem específica e não qualquer uma, pois se sentirão mais à vontade para falar acerca de situações que possivelmente outras abordagens não compreenderiam.

A psicoterapia é algo emergente para nossos dias. Mas tão importante quanto isso é saber com qual olhar você será visto no atendimento. Que este trabalho seja a porta para a busca para um maior conhecimento da psicologia e de suas escolas.

Material Complementar

Livro

FRANKL, V. **Em Busca de Sentido**. São Paulo: Editora Vozes, 1991.

Este livro é a principal obra do pai da Logoterapia. Nele, temos a vivência na prática desta abordagem. Além de trazer toda a sua experiência no campo de concentração, o autor também trabalha diversos conceitos da Logoterapia, mostrando como ela veio a se tornar, talvez hoje, a abordagem de mais coerência para o ser humano.

Nesta obra vemos como a estrutura psíquica do homem pode se desestruturar sem um sentido e como devemos nos valer da capacidade de transcendência.

Vídeo

A origem da Psicologia como ciência

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fREzlwEPzPo>

De forma bem clara e curta, este vídeo traz um breve resumo da história do surgimento da psicologia como ciência, reforçando o que nossa apostila aponta. Para quem quer esquadrihar com mais detalhes esse caminho que a psicologia percorreu, tanto nosso sumário quanto este vídeo fornecem passos importantes. Embora a psicologia possua novas e mais recentes abordagens, a sua base é apontada neste vídeo.

Artigo

Moreira, N., & Holanda, A. Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. *Psico-usf*, 15(3), 345–356, 2010. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712010000300008>

Este artigo trabalha um dos principais componentes da existência humana: o sofrimento. E como homem tem a capacidade de compreender e de agir diante dele.

O ser humano possui uma capacidade de responder ao sofrimento de forma positiva, e esta capacidade reside em sua dimensão noética (espiritual). Este trabalho nos traz um outro olhar sobre essa dimensão que a cada dia é mais mal compreendida e ignorada nos nossos dias.

Referências

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. Psicologias: uma introdução ao estudo da psicologia. 13º ed., São Paulo: Editora Saraiva, 1999.

BRAGHIROLI, E. M. et al. Psicologia geral. 22º ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1995.

FRANKL, V. E. Psicoterapia e sentido de vida. 3º ed. São Paulo: Editora Quadrante, 1989.

SCHULTZ, D. P.; SCHULTZ, S. E. História da psicologia moderna. 5º ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1992.

